

APRESENTAÇÃO

MANOEL DE BARROS: A ESSENCIALIDADE DAS COISAS INÚTEIS

Com “**100 anos de Manoel de Barros: poesia da simplicidade**”, a *Revista Entrelaces* brinda a complexidade singela e a matéria-prima do poeta, que encontra, no chão da terra, o êxtase da sua poesia, extraída do “amanhecer do rio” ou do “conversar com as águas”.¹ Neste volume, portanto, estão reunidos nove artigos que se debruçaram sobre a obra do poeta matogrossense com o intuito de desvelar a essencialidade das coisas inúteis, substância primeira da sua linguagem poética. Os estudos apresentam diversidade temática e teórica, com o fim de apreender a presença das coisas e da natureza. Entretanto, a percepção, presente em quase todos os textos aqui apresentados, é a do subversivo da palavra que “ama as coisas jogadas fora”.² Ao abordar a poesia manoelina, a partir da inutilidade das coisas úteis, Ana Cláudia Veras Santos destaca o distanciamento do poeta da sentimentalidade ao mesmo tempo que o aproxima da palavra-coisa, como meio de reinaugurar o sentido primordial das coisas que não têm importância. Contudo, a relação com a coisa, que reinsere o homem na ordem natural do mundo não aponta para sua utilidade, pois a poesia não é compreensão, mas incorporação. Assim, Ângelo Bruno Lucas de Oliveira chama nossa atenção para a importância da materialidade e funcionalidade dos inutensílios nos poemas “Sabiá com trevas”, “Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada” e “Comparamento”. Na esteira de Blanchot, o autor ressalta o paradoxo no qual se encontra a poesia: de um lado, ela quer explicar a realidade das

¹ BARROS, Manoel de. *Escritos em verbal de ave*. São Paulo: Leya, 2011.

² BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

coisas ou se apoiar nela, de outro, ela pretende ser absoluta, não se deixando apreender pela lógica do mundo. Abordando o instante do poema, o rascunho e a comunicação da poesia, Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz apresenta a poética da desutilidade das coisas inseridas na mudança de olhar do poeta em relação ao mundo à volta, revelando a potencialidade da imaginação poética.

Ainda na perspectiva do olhar que mira coisas “desimportantes”, Marlúcia Nogueira do Nascimento trata da infância partindo da ideia de que a criança é vocacionada para “transformar miudezas”, permitindo-lhe reinventar o mundo. Dessa forma, a autora enxerga na brincadeira infantil um paralelo com a arte poética de Barros, a qual inverte o sinal das coisas. Situando o poeta na fronteira do clássico com o moderno, Paulo Benites esquadrinha alguns poemas, buscando mostrar a constante fissura que é promovida entre o velho e o novo, algo que se desdobrará no tema da infância, no da troca de experiência, no do enraizamento e no da desterritorialização. O autor conclui, aproximando poesia e filosofia - únicos testemunhos capazes de acessar o passado -, e vê, no conceito de restos, a garantia do diálogo que Manoel de Barros mantém com a Modernidade. O tempo é assunto, também, do estudo de Yanna Karlla Cunha, que se propõe a investigar a vida do andarilho Bernardo, mostrando como a vida do andarilho se descreve e se narra por meio de imagens, e como essas vão abandonando mais e mais o caráter social, passando a expressar uma visão mítica, que rompe a fronteira entre passado, presente e futuro.

Isso não significa que o poeta está fora do mundo; pelo contrário, como bem observa Janaina Jenifer da Silva, revela aquela aversão “ao capital e aos valores de troca”, pois a matéria da poesia não tem significado comercial, portanto, não pode ser útil. Optando pela simplicidade das coisas, o poeta escolhe “refazer o mundo”, lidando com

suas imperfeições. Dessa maneira, conforme Emaxsuel Roger Rodrigues, no ensaio que discute poesia e imagem, Manoel de Barros cria imagens por meio de palavras, apreendendo o instante como se fora uma fotografia das forças infinitas para transformá-las em palavras e imagens finitas. Por fim, a poesia, circunscrita a um contexto dialógico, é analisada por Elaine Martins dos Santos Silva e Carlos Eduardo da Silva Ferreira. Partindo da leitura dos textos do Círculo Linguístico de Praga, os autores orientam a discussão para a relação dialética estabelecida entre a consciência do um e do outro. Por não vivermos alheios à ideologia, conforme os autores, visto que somos seres relacionais, precisamos construir possibilidades de fuga, ainda que em meio à “instabilidade da linguagem”.

Que esta edição comemorativa de homenagem a Manoel de Barros seja, também, um convite para aprendermos com ele o valor das coisas simples, a fim de que um passarinho escolha as nossas vozes “para seus cantos” e possamos aí, aprendendo a desaprender, descobrir os “descaminhos para as palavras”³.

Orlando Luiz de Araújo

Marcelo Peloggio

**Coordenação do Programa de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal do Ceará - UFC**

³ BARROS, Manoel de. *Escritos em verbal de ave*. Op. cit..